

Globethics Repository



Dimensões da Bioética [Dimensions of Bioethics]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Lepargneur, Hubert
Publisher	Centro Universitário São Camilo
Rights	Creative Commons Copyright (CC 2.5)
Download date	2026-09-22 08:55:11
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/214473

Dimensões da Bioética

Dimensions of Bioethics
Dimensiones de la Bioética

Hubert Lepargneur*

RESUMO: Toda reunião de bioética procura não apenas novas e eventuais informações, mas sobretudo certo consenso acerca das práticas propostas. Isso levanta a questão da prioridade, conciliação ou relação entre a Bioética e as Bioéticas. Este artigo tentou mostrar que a Bioética é intrinsecamente mãe do pluralismo das Bioéticas.

PALAVRAS-CHAVE: Bioética. Pluralismo. Cultura.

ABSTRACT: All meetings regarding bioethics seek not new and unexpected information, but, overall, a certain consensus concerning practices proposed. This raises the question of priority, conciliation or relation between Bioethics and the Bioethics. This article tries to show that Bioethics is intrinsically mother of the pluralism of the Bioethics.

KEYWORDS: Bioethics. Cultural Diversity. Culture.

RESUMEN: Todas las reuniones respecto la bioética buscan no nuevas y inesperadas informaciones, pero, en general, cierto consenso referente a prácticas propuestas. Esto plantea la cuestión de la prioridad, de la conciliación o de la relación entre la bioética y las bioéticas. Este artículo intenta demostrar que la bioética es intrínsecamente madre del pluralismo de las bioéticas.

PALABRAS-LLAVE: Bioética. Diversidad Cultural. Cultura.

A BIOÉTICA COMO ÉTICA

A humanidade encerra milhares de éticas se considerarmos seu passado e a multiplicação recente das crenças, religiões, seitas, costumes, culturas, dissidências etc. Isso parece eliminar a hipótese de uma próxima ou eventual unificação da bioética em torno de determinada ética. Será apenas que cada agente, cada grupo, deve seguir sua consciência para determinar o real, o conveniente, o lícito, o ideal que convém seguir? Isso não elimina a procura individual e coletiva de princípios que respeitem nossa natureza ou melhorem seu funcionamento em uma saudável perspectiva. O ponto de partida é, portanto, nosso conceito de *natura* sadia e de procedimentos saudáveis, levando em conta nosso passado, nossa constituição atual e nossos projetos de melhoramento. É difícil conceber uma radical descontinuidade na evolução da humanidade.

Dois princípios parecem se destacar: 1) A crença (ou a rejeição) acerca de uma realidade extramaterial e sobrenatural que subsistiria após a morte individual e que caracteriza a maioria das religiões, sem obter inteiramente

o sucesso, por falta de provas ditas científicas, junto às filosofias antropomórficas; 2) Valendo em qualquer opção da primeira alternativa, distinguimos, para nortear o comportamento terrestre, a primazia central da tribo, do clã, da cultura nacional, da crença religiosa, da linhagem, isto é, de uma maneira ou outra, da entidade coletiva que abrange os indivíduos que somos, praticamente vinculados a determinado grupo ou comunidades que cultivam o orgulho de serem o que são (mais raramente não sem complexo de inferioridade), em torno de seus mitos, de suas narrações históricas ou supostas tais, e as filosofias, crenças religiosas ou não, de seus preconceitos, que chegaram, só recentemente e não universalmente, à promoção da pessoa individual que elabora suas próprias convicções.

A BIOÉTICA, CRIADORA OU SERVA DE CONCEITOS

Uma prática bioética não pode funcionar apenas com alguns conceitos: sua história, mesmo curta, revela a predominância de alguns esquemas, sentidos ou princípios, que caracterizam e permitem distinguir tendências na matéria, como revelam as contribuições do ramo. Essa

* Teólogo camiliano. Licenciado em Filosofia. Doutor em Direito pela Universidade de Paris.

disciplina usa, portanto, esquemas de diversas proveniências, filosóficas, biológicas, sociológicas, fisiológicas, mas sobretudo tecnológicas e médicas; tem lugar para virtudes, casuística, excelência, paradigmas, autonomia, cuidados, libertação etc. Tais conceitos manifestam também modas, cuja área de atuação pode variar segundo épocas e regiões; neologismos e empréstimos linguísticos não são excluídos. Assim a bioética parece um oceano agitado que pode conhecer vários níveis de profundidade ou de sofisticação, ou ainda fluir como um rio de rotina, previsível e rotineira, paciente com os ritmos do tempo.

A bioética navega constantemente entre hipóteses e avaliações, entre teorias e práticas.

A maior ilusão que pode esconder um magnífico tratado de bioética é de parecer como uma filosofia bem construída, usando citações de autores reputados, sintetizando exemplos e aplicações de reduzido alcance efetivo, invocando grandes e incontestáveis princípios de alta moralidade, articulando habilmente conceitos do ramo: a lógica impecável sobre o papel que é, infelizmente, incapaz de providenciar os meios financeiros de sua execução. Quase todos os países que se orgulharam de entreter o melhor sistema de sustentação da saúde para todos seus habitantes, hoje carecem das verbas de entretenimento para boa parte dos meios mais pobres, desprovidos de representação política, como de órgãos de imprensa – quando as agências ministeriais responsáveis nem sempre evitam desvios colossais de fundos públicos. Até ONGs recebem subvenções governamentais que não ajudam nenhum necessitado; evita-se investigar, o que seria indiscreto e provavelmente pouco político. Isso não invalida, é óbvio, o acerto dos famosos e clássicos princípios de justiça, de autonomia, de equidade, de solidariedade e alguns outros posteriormente acrescentados, quando praticamente aplicáveis e aplicados sob controle. Não devemos nos iludir a respeito da ambiguidade e da polissemia de expressões muito usadas, tão nobres quanto “a sacralidade da pessoa humana” ou a “necessária ajuda estatal à manutenção da saúde popular”. O otimismo das programações, frequentemente constitucionais, está sustentado pela generosidade das alocações concedidas aos principais agentes de gestão. O controle sério das gestões realizadas está menos assegurado.

DIVISÃO ENTRE BIOÉTICAS: O EXAME DO CASO SINGULAR E A REGULAÇÃO DE UMA SITUAÇÃO RECORRENTE

A diversidade das modalidades bioéticas é clara entre a tarefa dos profissionais da saúde de um hospital, diretamente interessados e convocados acerca do problema de determinado doente, e as reuniões da equipe ministerial da saúde do País, ou um congresso nacional ou internacional convocado acerca de um determinado desafio nacional ou internacional, envolvendo a situação de milhares de doentes em muitas regiões. Por vezes, basta a redação de uma regulamentação nacional, reversível; outras vezes exigem maior informação, maior investimento e conserto.

Em nosso parecer, nas duas situações e particularmente na primeira, a questão que prevalece é a determinação das responsabilidades de cada participante e a identificação do chefe. Após: a determinação das finalidades desejáveis e dos meios ou caminhos para obtê-los da maneira menos complicada e menos onerosa possível. No caso de um doente único, informações mais personalizadas são requeridas; no caso de um desafio socialmente mais vasto as informações serão de outro tipo, adaptadas ao desafio e às características da região, do desafio enfrentado e da população afetada. Os meios de proteção ou de saneamento serão normalmente mais diversificados. As urgências são também de diversos tamanhos, como os meios regionais disponíveis.

OUTRO PARADIGMA DE AVALIAÇÃO DO SENTIDO E DA COMPETÊNCIA DE UMA BIOÉTICA CON CERNE ÀS DISCREPÂNCIAS ENTRE OS BIODIREITOS LOCAIS

Os biodireitos possuem uma área definida de competência e são bem diversos de um país a outro, apesar da pretensão universalista das Declarações da ONU dos direitos do ser humano. As razões de tais discrepâncias são diversas: a autonomia de cada nação, as diferenças das culturas, por vezes no seio do mesmo país, o pluralismo religioso ou das tradições locais. Considerar as leis e regulamentos não basta; é preciso se documentar sobre os modos de aplicação ou de inaplicação das normas, das práticas de vigilância dos comitês médicos e dos tribunais. Muitas categorias de profissionais dispõem de foro especial, privilegiado ou inofensivo. São tantos os motivos para falar em um pluralismo

de bioéticas, mesmo quando a qualidade vil ou honrada do doente não intervém.

Cada país age bem quando cuida de discutir e de elaborar um biodireito adaptado à cultura e às condições socioeconômicas do país. Sua revisão é normal, ora em espaços de tempo predeterminados, ora quando o contexto biomédico mudou sensivelmente. De fato, em pontos muito conflituais da prática, alguns países divergem claramente acerca das normas exigíveis; outros nem legislaram sobre temáticas nevrálgicas. Assim é possível, e praticado, programar uma eutanásia na Suíça ou na Holanda, uma mãe portadora nos Estados Unidos, uma união legalmente estável, com as mesmas prerrogativas do antigo casamento, na Espanha, na Grã-Bretanha e, mais recentemente, no Brasil, etc. Operações geralmente proibidas ainda na França, cuja forte secularização não lhe tirou todas as reações éticas que ela tinha herdadas do catolicismo. A influência que mais cresce no mundo do *ethos* parece ser a *sharia*, em razão dos progressos mundiais do islamismo, ainda que certas lideranças tendam para abrandar certas regras a fim de facilitar a sua própria inserção. Isso vale predominantemente para a África, mas ganha a Europa pela Turquia, a França, a Alemanha. Entre as exigências culturais dos imigrantes muçulmanos, reparamos a comida *halla*, graciosamente ofertada nas escolas públicas; os véus das mulheres cujo tamanho pode chegar a cobrir a face; a bigamia; a infibulação; a inferioridade das mulheres; a falta de novas mesquitas de alto custo.

AS EXPERIMENTAÇÕES ABREM OU REABREM NOVOS TERRENOS DA BIOÉTICA

Os abusos experimentais dos nazistas e em diversos países desenvolvidos admitiram, com certa discrição, procedimentos negando totalmente a liberdade e a dignidade do ser humano, por vezes com pretextos pseudocientíficos. As tentativas de superação da natureza humana, de inspiração notadamente nietzschiana (o mito do super-homem) terão sempre lugar nos utópicos sonhos humanos; de fato não há progresso sem sonhos utópicos e ensaios arriscados. A bioética e, especialmente, o ensaio de novas experimentações exigem a virtude antiga da “prudência”, por vezes deturpada pelo abuso do “princípio de precaução” que, não raramente, esteriliza a imaginação inovadora. De qualquer maneira, esse terreno pertence também à bioética.

Está provada que a evolução não terminou, mesmo para a fisiologia humana, mas é insuficiente afirmar que toda cautela está aqui a rigor, e todo debate bioético sobre certas licitudes não está excluído. A experimentação animal deve normalmente preceder os ensaios sobre o corpo humano, malgrado certas promoções indevidas da pseudo-dignidade animal. Nenhum cálculo pode eliminar os ensaios, ainda que ensaios sobre telas privilegiadas simplifiquem ou substituam ensaios sobre corpos reais; e isso vale especialmente na área farmacológica.

Cabe à bioética fixar limites aos ensaios – tarefa delicada –, frente a resultados dúbios. Nossa capacidade de avaliar seguramente reações da natureza é limitada. É possível que experimentações humanas tenham sido criminosas, sobretudo sobre seres inferiorizados por uma razão ou outra. Por outro lado, haverá sempre territórios, grandes ou pequenos, que nenhuma organização internacional pode controlar e sancionar. Contudo, não podemos reduzir a licitude de um procedimento médico a seu reconhecimento nas Instituições da formação ou da pesquisa médica. Com o tempo, a experiência válida ou condena certos produtos ou tratamentos – porém não sem correr riscos de desastres. As pesquisas são feitas de ensaios seguidos de avaliações críticas.

Por vezes, o certo surge de um acaso inesperado: tais ocorrências são muitas. Segue um exemplo para ilustrar esse contexto experimental. O dr. Georges Monnier pratica a ozonoterapia que pretende combater os estresses da vida moderna, inserindo no corpo antissépticos, recarregando-os com oxigênio. Essa terapia alternativa resultou de ensaios franceses de Labbé e Oudin em 1895, mas se desenvolveu sobretudo, na Alemanha que usa o ozônio (molécula de três átomos de oxigênio) diluído no oxigênio puro. O procedimento tem seus adeptos na Itália (Pr. Velio Bocci, Universidade de Siena), na Áustria, na Espanha, na Rússia e na França (Dr. Aubourg, Hospital Beaujon de Clichy). A documentação, portanto, não falta para tal eliminação das toxinas e a estimulação do sistema imunológico¹.

A BIOÉTICA ENTRE CIÊNCIA E ARTE: MUDANÇAS CULTURAIS

Se a própria medicina não desmerece a qualificação de arte (que não a dispensa de depender de ciências e tecnologias), quanto mais essa qualificação convém à bioética.

ca. Essa disciplina oscila entre saberes teóricos, habilidades manuais e emprego de tecnologias cada vez mais aperfeiçoadas. As manobras manuais são frequentemente, simplificadas ou substituídas por exames e tratamentos (exérese, transplante) mediante aparelhagem técnica, incluindo laser e visualização por transparência, com ou sem abertura do corpo. No final, a bioética se evidencia como um proeminente fenômeno cultural da modernidade que transforma a vivência humana, dos meios abastados e/ou privilegiados.

Em seu livro sobre “Alchimie”², René Alleau observa que a decadência da alquimia grega reflete um fenômeno mais geral, o da lenta dissolução das estruturas religiosas e sociais do mundo antigo. “Quando a ordem das instituições e dos valores muda, a coesão lógica das representações científicas do universo se modifica”². A transformação atual gerada pela globalização está vinculada, de fato, ao empobrecimento da cultura cristã que veio do leste, mas passou pela Europa antes de atingir as costas americanas (o que alguns esquecem). Uma religião (ou qualquer cultura secular laica) está ligada a um conjunto cultural de práticas que sustentam a ordem social. A bioética moderna está situada nesse moderno redemoinho, fatalmente pluralista e não unificado – se não por algum respeito pelo outro e a realidade que cada um interpreta como sua verdade. Isso significa o quanto a bioética marca a cultura atual, na sua dupla face de esforço unificador e de realidade fundamental de multiplicidade insuperável. Afinal qualquer coletividade é também isso: um esforço para coordenar um caprichoso pluralismo em certa unidade e a inevitável explosão da diversidade, nem sempre coerente, que nasce do exercício das liberdades. A bioética moderna está situada nesse moderno redemoinho cultural, apesar da inconsciência das multidões. É necessário voltar a cabeça para trás para perceber qualquer progresso; entretanto, malgrado o reino dominador das comunicações, estamos muito longe de qualquer unanimidade, mesmo nesse campo bioético que almeja o bem comum e a saúde individual.

CONCLUSÃO

O que chamamos hoje de Bioética revela-se como um conjunto de “bioéticas evolutivas”, e não qualquer tratamento da realidade do ser humano traumatizado, maleável, recomposto pelo amplo terreno de pesquisa e de habilidades, debaixo do guarda-chuva de uma ética flexível. Nenhuma chave serve para todos os seus campos fechados. Não voltaremos sobre o excelente prefácio (de José Eduardo de Siqueira que distingue quatro modelos de bioéticas sistemáticas: a dogmática, a liberal, a deliberativa e a hipercrítica) que tanto nos inspirou no livro “Bioética ou Bioéticas”. Vimos que outros discernimentos são cabíveis.

Como toda disciplina e talvez ainda mais do que outras, a bioética forma um conjunto instável, mas característico, que procura melhorar suas realizações por ser muito procurado, inovador e por vezes desafiador. O homem e a máquina raramente colaboraram tão intimamente e com tanto sucesso, para consertar e por vezes inovar. Isso permite ao ser humano viver mais tempo e de forma saudável, unindo teoria e prática; fazendo com que profissionais trabalhem bem em equipe, em um constante processo de evolução, fazendo com que muitos desejem ainda mais.

É desnecessário enfatizar sua complexidade e provisoriedade, pagando muitos sucessos com – relativamente – poucos fracassos; é necessário tentar, incansavelmente, melhorar seus acertos, sem abusar das patentes. Suscita muitas questões, sem repugnar à contestação quando fundamentada; como a política, é um campo de escola para as discussões. As questões podem geralmente serem esclarecidas; as divergências acerca de princípios filosóficos ou religiosos dificilmente obterão um dia a unanimidade. Afinal, o exercício da bioética deve levar a certa tolerância sobre posições contrárias mas sustentáveis, como apreendeu a admitir a nova teologia das religiões. Eis mais um (novo) princípio para essa disciplina, a *tolerância* para posições coerentes que escapam à prova pró ou contra; não é mais *ambíguo* que o princípio da justiça ou da dignidade.

Recebido em: 1 de julho de 2011.
Aprovado em: 2 de agosto de 2011.

REFERÊNCIAS

1. Monnier G. L'ozonothérapie, mode d'emploi. Valeurs actuelles. 9 Sep; 2010.
 2. Alleau R. Alchimie. Paris: Allia; 2008. 98 p.
-

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

Neves MCP, Lima M. Bioética ou Bioéticas - na evolução das sociedades. Coimbra, Portugal/São Paulo, Brasil: Gráfica de Coimbra/Centro Universitário São Camilo; 2011. [Edição luso-brasileira].
